Revista Diversidade e Educação

MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS: (IN)VISIBILIDADE, LESBOFOBIA E IMPACTOS PSICOSSOCIAIS

MUJERES LESBIANAS NO FEMINIZADAS: (IN)VISIBILIDAD, LESBOFOBIA E IMPACTOS PSICOSOCIALES

GENDER NONCONFORMING LESBIAN WOMEN: (IN)VISIBILITY, LESBOPHOBIA, AND PSYCHOSOCIAL IMPACTS

Eduarda Oliveira Pozzobon [1]

Janaína Pereira Pretto Carlesso [2]

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo discutir os possíveis efeitos da lesbofobia contra mulheres lésbicas desfeminilizadas no âmbito psicossocial. A pesquisa caracterizou-se por um estudo de caso exploratório e descritivo de abordagem qualitativa de amostra não probabilística autogerada. Foram entrevistadas 14 mulheres de diferentes estados brasileiros de maneira remota através da plataforma Google Meet. A partir das entrevistas, constatou-se que o medo, o receio e a sensação de não pertencimento se fazem presentes, bem como a comparação com homens por familiares e expectativas de comportamentos tipicamente masculinos por outras mulheres lésbicas. Além disso, as participantes passaram a receber um tratamento diferente por conta de sua aparência, muitas vezes sendo colocadas numa posição masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbofobia. Invisibilidade social. Mulheres lésbicas desfeminilizadas. Impactos psicossociais.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo discutir los posibles efectos de la lesbofobia contra mujeres lesbianas no feminizadas en el ámbito psicosocial. El estudio se caracterizó como un estudio de caso exploratorio y descriptivo, con enfoque cualitativo y muestra no

[1] Curso de Psicologia. Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS, Brasil.

[2] Docente do PPG Ensino na Saúde. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil.

probabilística autogenerada. Se entrevistó a 14 mujeres de diferentes estados brasileños de manera remota a través de la plataforma Google Meet. A partir de las entrevistas, se constató que el miedo, la inseguridad y la sensación de no pertenencia están presentes, así como la comparación con hombres por parte de familiares y las expectativas de comportamientos típicamente masculinos por parte de otras mujeres lesbianas. Además, las participantes comenzaron a recibir un trato diferenciado debido a su apariencia, siendo muchas veces colocadas en una posición masculina.
PALABRAS-CLAVE: Lesbofobia. Invisibilidad social. Mujeres lesbianas no feminizadas. Impactos psicosociales.

ABSTRACT
This study aimed to discuss the possible effects of lesbophobia against gender nonconforming lesbian women in the psychosocial context. The research was characterized as an exploratory and descriptive case study with a qualitative approach and a self-generated non-probabilistic sample. Fourteen women from different Brazilian states were interviewed remotely via the Google Meet platform. The interviews revealed that fear, insecurity, and a sense of non-belonging are prevalent, as well as comparisons to men by family members and expectations of typically masculine behaviors from other lesbian women. Additionally, participants reported experiencing differential treatment due to their appearance, often being placed in a masculine role.
KEYWORDS: Lesbophobia. Social invisibility. Gender nonconforming lesbian women. Psychosocial impacts.

***

Introdução

O presente estudo apresenta uma análise que buscou compreender de que maneira mulheres lésbicas desfeminilizadas são afetadas no contexto psicossocial, o qual agrega aspectos pessoais, políticos, individuais e sociais relacionados entre si, o que permite pensar sobre um determinado assunto através de uma esfera conjunta de fatores (Woodard, 2015). A representação das mulheres ao longo da história foi construída de modo que suas vivências fossem se não totalmente desvalorizadas, objeto de pouca atenção e, consequentemente, pouco estudo. Desde a Grécia Antiga, as mulheres eram consideradas inferiores, visto que apenas os homens poderiam tornar-se cidadãos através da prática sexual pederástica (Bremmer, 1995).

A sexualidade, portanto, sempre foi considerada como propriedade exclusiva dos homens, sendo o desejo sexual feminino não levado em conta, especialmente no que tange o desejo de uma mulher por outra. As relações entre mulheres foram objeto de diversas dúvidas no período da Inquisição: para os juízes, não era claro como mulheres poderiam

ter relações sexuais, haja vista que para tal, um pênis era necessário (Brandão, 2010). Ainda assim, o sexo entre mulheres era considerado crime, mesmo que menos grave comparado ao sexo entre homens.

A homossexualidade, posteriormente, passou de ser crime a ser doença. Considerava-se que as mulheres lésbicas assumiram o papel de homem por desejarem manter relações românticas e sexuais com outras mulheres (Filho, 2000) e que havia uma "lésbica verdadeira" e uma lésbica que era apenas uma vítima da lésbica verdadeira (Jeffreys, 1993). Essas concepções sobre mulheres lésbicas, apesar de antigas, ainda se fazem presentes.

Lésbicas que não se apresentam de maneira feminina através da vestimenta, corte de cabelo e maneirismos, ou seja, desfeminilizadas são constantemente comparadas a homens, haja vista que é esperado que mulheres fossem femininas. Ao rejeitar a feminilidade, se tornam alvos de violência e lesbofobia, que difere daquela sofrida por lésbicas femininas, já que estas têm passabilidade, ou seja, se aproximam da concepção social do que é ser mulher (Cicconetti e Magalhães, 2019). De 2014 a 2017, 55% das lésbicas mortas no Brasil por assassinato ou suicídio foram desfeminilizadas. Do total de assassinatos, 66% das vítimas foram, também, lésbicas não-femininas (Peres, Soares e Dias, 2018).

A presente pesquisa surgiu do seguinte questionamento: Quais são os possíveis efeitos da lesbofobia em mulheres lésbicas desfeminilizadas no âmbito psicossocial? Essa pesquisa se justifica, pois, as lésbicas desfeminilizadas rompem com a feminilidade imposta para as mulheres e por isso são, ao mesmo tempo, visíveis enquanto lésbicas e invisibilizadas enquanto mulheres. Assim, se tornam alvo de lesbofobia em diversos ambientes e em suas relações apenas por ser quem são. As violências sofridas por esse grupo podem acarretar diversos prejuízos para a saúde mental, portanto, torna-se importante que a Psicologia esteja atenta ao problema social que atinge essas mulheres.

Portanto, é relevante que estudantes e profissionais tenham conhecimento sobre a temática para que não reproduzam violências em sua práxis, contribuindo assim para o cuidado em saúde mental adequado para lésbicas desfeminilizadas e para uma Psicologia anti-lesbofobia. Nesse sentido, cabe ressaltar que o próprio Conselho Federal de Psicologia reforça a importância da dimensão histórica, cultural e social no sofrimento psíquico de mulheres lésbicas, assumindo um compromisso com a divulgação de normas

e técnicas para psicólogos no que diz respeito ao manejo clínico e ao combate contra a opressão.

A partir considerações, o objetivo dessa pesquisa foi discutir quais os possíveis efeitos da lesbofobia em mulheres lésbicas desfeminilizadas no contexto psicossocial, como também identificar os fatores que contribuem para a perpetuação da lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas, e por fim analisar a possível diferença de tratamento social dado a lésbicas enquanto mulheres não femininas em comparação às mesmas quando performaram feminilidade.

Metodologia

A pesquisa realizada caracteriza-se como um estudo de caso de caráter exploratório e descritivo de abordagem metodológica qualitativa. O estudo de caso, de acordo com Gil (1991), é caracterizado pelo estudo amplo e aprofundado de um fenômeno, permitindo um conhecimento detalhado sobre ele. A pesquisa de caráter exploratório visa "proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (Gil, 1991, p. 25) e pode ser feita por meio de pesquisa bibliográfica ou por meio de entrevistas. A pesquisa descritiva, de acordo com o autor, tem como objetivo descrever fenômenos ou características de uma população (Gil, 1991).

A amostra do estudo foi composta por 14 mulheres lésbicas desfeminilizadas brasileiras maiores de 18 anos de idade. No quadro 1 é apresentado o perfil da amostra estudada. A amostra caracterizou-se como não probabilística autogerada. A amostra não probabilística permite que o pesquisador decida os elementos que serão incluídos na amostra, de acordo com aquilo que considera relevante para sua pesquisa (Gil, 1991). A amostragem autogerada visa, por meio de documentos ou informantes - chamados sementes -, localizar pessoas com as características que o pesquisador busca, ou seja, é o ponto de partida da pesquisa. As pessoas indicadas pelas sementes, por sua vez, indicam outras, o que pode aumentar a amostra caso o pesquisador assim o queira (Vinuto, 2014).

QUADRO 1 – Informações referentes ao perfil da amostra estudada.

Identificador	Idade	Estado do Brasil
P1	27	Bahia
P2	24	Rio de Janeiro
P3	26	Rio Grande do Norte
P4	24	São Paulo
P5	28	Rio Grande do Sul
P6	29	Rio Grande do Norte
P7	24	Santa Catarina
P8	23	Rio Grande do Sul
P9	24	Rio Grande do Norte
P10	26	São Paulo
P11	24	Rio de Janeiro
P12	23	Rio Grande do Sul
P13	23	Rio Grande do Sul
P14	23	Santa Catarina

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A coleta de dados foi realizada no 2º semestre de 2023. Na primeira etapa foi feita a divulgação da pesquisa através da rede social *Instagram* da pesquisadora, com o título da pesquisa e um link que direcionava para um formulário de inscrição para levantamento de interesse para participação. Na segunda etapa a participante deveria preencher o formulário disponibilizado de forma online no *Google Forms*, ferramenta disponibilizada pelo Google que pode servir para elaborar pesquisas no formato de questionário (Mota, 2019). O formulário teve como finalidade coletar as seguintes informações: nome, idade, sexo, orientação sexual, se a inscrita é desfeminilizada, se o é desde a infância e e-mail para contato. O contato foi feito com as mulheres que preencheram os requisitos para participação.

A terceira etapa foi composta pela coleta de dados socioeconômicos e sociodemográficos (estado em que residem, raça e renda mensal aproximada) e entrevista semiestruturada, que prevê a ordem das perguntas ao mesmo tempo em que proporciona maior flexibilidade para adaptar-se ao participante, de modo que a ordem pode ser invertida e perguntas para maior esclarecimento de uma resposta ou para aprofundá-la (Laville e Dionne, 1999). Esta etapa ocorreu de maneira remota através da plataforma *Google Meet,* que foi marcada conforme disponibilidade de horários da participante e teve duração aproximada de uma hora. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Para participação na pesquisa, as participantes deveriam ter acesso à internet para acesso ao link por meio de dispositivos eletrônicos, tais como notebook, celular ou tablet.

O método que foi utilizado para análise dos dados coletados foi a Análise de conteúdo Laurence Bardin (2016), constituída por três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados obtidos. A seguir, no próximo tópico, serão apresentados os resultados da pesquisa, de acordo com as seguintes categorias elaboradas para análise: (1) os efeitos da lesbofobia nas mulheres lésbicas desfeminilizadas no contexto psicossocial; (2) fatores contribuintes para a perpetuação da lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas e por fim (3) o tratamento social dado a lésbicas enquanto mulheres não femininas em comparação às mesmas quando performaram feminilidade. A pesquisa realizada foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Franciscana, sob número de parecer 6.268.779. Após a coleta de dados, deu-se início à análise das respostas das participantes obtidas nas entrevistas, tecendo com os objetivos delineados para responder esta pesquisa, e serão apresentados a seguir.

Resultados e Discussões

Os efeitos da lesbofobia nas mulheres lésbicas desfeminilizadas

Primeiramente buscou-se dar enfoque nos efeitos da lesbofobia nas mulheres lésbicas desfeminilizadas participantes dessa pesquisa no contexto psicossocial. No Quadro 2 são apresentados os fragmentos das respostas das participantes.

QUADRO 2 – Fragmentos de respostas das participantes (I)

P1 – *Quando eu comecei a ir de blusa social lisa, dá outra imagem da pessoa. Muda completamente. O sapato também, essas coisas. E recebi olhares e tudo mais. Então, já era esse desconforto, né?*
P2- *Até eu… acho que na primeira ou segunda semana, eu ir no banheiro da UF e uma funcionária querer me expulsar porque ela achou que eu era um homem, sabe? E aí eu fiquei meu Deus (risos)... e aí eu comecei a passar, tipo, ter ansiedade de entrar em banheiro, por exemplo.*
P3- *Mas, sim, afeta minha autoestima também, porque não é que eu sinta a falta de ser o centro das atenções porque eu não gosto. Mas… isso me machuca porque é como se fosse um preconceito enraizado ali também. E me sentir do último ano, principalmente do último ano pra cá, suscetível ao preconceito quase todos os dias, é bem frustrante.*

P4- *Todos os ambientes que eu chego que são exclusivamente femininos, eu fico um pouco receosa. E mesmo os que não são exclusivamente femininos, eu espero… para ver as reações das pessoas em relação a mim, pra eu me posicionar enquanto uma mulher [...]*

P5- *E aí… então existe esse receio assim principalmente na questão de loja, na questão familiar… eu não sei se é… é um um pouco pela questão de lesbofobia, mas não só, não tem tanto esse pertencimento mesmo dos espaços.*

P6- *E eu decidi, é… performar, mesmo, não gosto de usar essa categoria, né? Detesto, ai, eu tenho um ranço, mas pra mim aquilo foi uma grande performance, né? [...] Eu tinha algumas coisas que eu considerava que eram estratégicas pra conseguir isso como uma voz fina, um corpo muito feminino, né? Tipo, trejeitos que são femininos, então eu decidi aderir a acessórios que destacasse essas coisas que eu tinha de mais feminina, né? Pra me tornar não exatamente uma menina bonita, mas para parar de ser alvo, né?*

P7- *Eu sempre me boto numa situação em que eu tenho que tentar ser respei… bem delicada, respeitosa, porque eu sempre acho que eu tô em… Qual que é a palavra? Ai, sei lá, eu sempre acho que tô devendo alguma coisa, sabe? Que eu preciso compensar de alguma forma, assim, né?*

P8- *Como eu era diferente de todas as minhas amigas, eu achava que eu tava errada, então, na época. Então, daí isso foi a pior parte, porque daí eu achei que eu tava errada e que eu tava sendo a filha rebelde, como meus pais falavam.*

P9- *Eu ia lá na casa da minha avó e eu ficava com os cachorros e com as crianças, que eu me sentia assim, né, tipo, diferente. Tinham os adultos, as crianças e os cachorros, eu tô ali. Eu sou uma criança ou um cachorro, porque uma pessoa eu não sou.*

P10- *Mas assim, ninguém me desrespeita, mas é muito isso, olhar mesmo, de sentir que eu sou um ET às vezes, de parecer ser uma pessoa extremamente diferente.*

P11- *Não, eu passei a… a passar muita raiva nos lugares, nos banheiros, na rua.*

P12- *Eu não me sinto tão à vontade quando eu vou num lugar muito hétero, assim, sabe? Quando tem muito homem hétero. Aí eu já fico com o pé atrás. Aí eu já tento colocar uma roupa não tão masculina, né? Entre aspas. Tento colocar uma roupa mais meio termo, assim. Não sei, nunca se sabe o que pode acontecer, né?*

P13- *Então… o transporte público tem sido o terror atual e não tem como não usar, né. E o banheiro. Agora qualquer banheiro pra mim. E eu sigo fazendo aquela estratégia de sempre chegar falando, não posso entrar no banheiro e usar o banheiro. Tipo, eu não me sinto confortável. Eu sempre fico falando, eu sempre fico mostrando de algum jeito que eu tenho peito, que eu sou mulher. E às vezes não é o suficiente pras pessoas.*

P14- *Acho que um dos meus grandes… grandes problemas hoje, assim… que me deixa mal psicologicamente é a solidão. Sabe? A solidão de ser uma mulher desfeminilizada. É muito dolorido você olhar para todos os lugares e você não se vê.*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As respostas das participantes indicam que existe um sentimento de não pertencimento e de inadequação. O desconforto e o receio de estar em determinados espaços públicos se mostrou evidente. A partir das falas, nota-se que a leitura social que é feita dessas mulheres é a de que são homens, e, portanto, não devem ocupar espaços como o banheiro feminino, ou mesmo de que é uma categoria inferior de mulheres, algo que não necessariamente é dito, mas que é sentido por elas através de olhares.

Ao contrário de lésbicas feminilizadas, as desfeminilizadas não possuem passabilidade, ou seja, enquanto as primeiras podem facilmente se passar, ou, em outras palavras, serem confundidas com mulheres heterossexuais, por se aproximarem da imagem social do que é ser uma mulher, a última não pode. Ter passabilidade, então, confere uma imagem positiva, enquanto não tê-la é passar uma imagem negativa (Cicconetti e Magalhães, 2019).

Para Jo, Strega e Ruston (1990), as meninas que aceitam - no sentido de não rejeitarem - a feminilidade à qual são impostas são vistas como meninas de verdade, conferindo-as um privilégio do qual as desfeminilizadas não podem usufruir: o de ser normal. Ser normal, nesse sentido, significa não ser considerada uma aberração, uma forasteira, e sofrer as mais diversas represálias por isso.

As autoras ainda afirmam que as lésbicas desfeminilizadas também não são tratadas exatamente como homens, pois isso suporia ter os privilégios masculinos dentro da sociedade patriarcal, e por isso são vistas como anormais. Ao mesmo tempo em que existe uma recusa em reconhecê-las enquanto mulheres - que, afirmam as autoras, é uma forma de abuso contra elas -, tampouco são como homens. Dessa maneira, enxerga-se lésbicas desfeminilizadas como algo “no meio”, que não se encaixa, o que é experienciado pelas próprias participantes ao se referirem a si próprias como um ET (Extraterrestre), uma não-pessoa, e ao falarem sobre o sentir-se deslocada.

Além disso, a estratégia de compensar pelo fato de ser desfeminilizada na aparência com comportamentos feminilizados também foi observada. Oliveira (2007) aponta que ao longo de várias décadas a beleza tem sido vendida através de cosméticos com o intuito de ressaltar as qualidades que uma mulher deve ter: ser bonita, delicada e dócil. Dessa maneira, considerando que lésbicas desfeminilizadas rejeitam a beleza feminilizada, é possível que mesmo inconscientemente tente compensar essa falta através do comportamento, sendo dóceis e delicadas.

O receio e o medo antecipatórios de alguma situação que pode provocar desconforto ou mesmo culminar em um episódio de violência também se mostraram presentes através das falas das participantes (P2), (P4), (P12), (P13). Essas situações já são esperadas pelas participantes, que ficam num constante alerta de que algo ruim irá acontecer ao adentrarem determinados espaços públicos como banheiros, transporte, festas ou bares. Os autores Feinstein, Goldfried e Davila (2012) referem-se ao conceito de sensibilidade à rejeição, conceito que, no que se refere a minorias sexuais, significa que um indivíduo já espera ser rejeitado pelos outros devido à sua orientação sexual.

Embora os autores tenham atribuído essa sensibilidade exclusivamente à orientação sexual, tendo identificado que gays e lésbicas que não correspondiam às normas de gênero somente na infância possuíam maior propensão à sensibilidade à rejeição, as falas das participantes demonstram que ela também existe na adolescência e na idade adulta. P2, por exemplo, referiu-se a uma situação ocorrida pela primeira vez já na idade adulta.

Os autores apontam que a sensibilidade à rejeição e a ansiedade social possuem algumas coisas em comum, como, por exemplo, a preocupação com as reações dos outros e um estado de excitação emocional em resposta a situações interpessoais. No entanto, ressaltam que a sensibilidade à rejeição de um indivíduo pode ser uma preocupação situada no campo da realidade, tendo em vista que muitos indivíduos já estão, de fato, acostumados a sofrer preconceito.

Ressalta-se, portanto, que o receio das participantes não é uma distorção da realidade. Levar isso em consideração ao prestar atendimento psicológico às mulheres lésbicas desfeminilizadas que trazem essas questões é de suma importância para não revitimizá-las. É necessário, então, refletir e trabalhar sobre os efeitos dessa rejeição na vida cotidiana dessas mulheres e de como lidar com essa realidade, visto que, por exemplo, deixar de ir ao banheiro público quando necessário e com frequência pode culminar numa infecção urinária, ao passo que ir pode ocasionar outros episódios de lesbofobia e, assim, mais receio.

As falas das participantes P8 e P14, embora falem de sentimentos diferentes, também estão associadas. O sentimento de solidão por não se enxergar nos lugares (P14) e sentir-se errada por ser diferente das amigas (P8) relacionam-se no sentido de não ter figuras de referência que validem sua existência e seu modo de ser no mundo. Jo, Strega e Ruston (1990) afirmam que lésbicas desfeminilizadas não são mostradas na mídia,

portanto não há um ponto de referência verdadeiro para que se possa falar sobre o que significa ser uma lésbica desfeminilizada. A partir disso, entende-se que o sentimento de solidão pode advir de não ter com quem compartilhar as experiências comuns que essas mulheres compartilham por serem desfeminilizadas.

Similarmente, a sensação de estar errada por não ser como as meninas ou mulheres feminilizadas também pode ser um efeito dessa falta. A participante 8 relatou sentir-se dessa maneira na adolescência, notadamente um período de diversas mudanças em que os indivíduos buscam se encaixar e fazer parte de um grupo. Entretanto, por não corresponder às normas de feminilidade às quais suas amigas correspondiam, a participante sentiu que não estava certa, já que não havia ninguém igual a ela.

A partir do que foi relatado pelas participantes, constata-se que os efeitos da lesbofobia em mulheres lésbicas desfeminilizadas são diversos e complexos. No que diz respeito ao campo da Psicologia, é necessária uma escuta profissional atenta ao sofrimento decorrente da lesbofobia a fim de fornecer um cuidado adequado e um ambiente seguro em que essas mulheres não sejam desacreditadas e revitimizadas.

Fatores contribuintes para a perpetuação da lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas

Quanto aos fatores que contribuem para a perpetuação da lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas, no Quadro 3 são apresentados os fragmentos das respostas das participantes.

QUADRO 3 – Fragmentos de respostas das participantes (II)

P1 – *Então assim, se você não me beijar, a gente não se beija e isso é muito ruim. Por quê? Porque todo mundo que quer ficar comigo já acha que eu vou ter a iniciativa.*
P2- *O tratamento que eu costumo receber é justamente esse papel de me botarem como um homem, sabe? E por isso esperarem padrões de comportamento masculino de mim, sabe? É... tanto, sei lá, por mães de amiga... que ficam meio assim quando eu sou amiga e nunca é uma... nunca me enxergam 100% como amiga, né? Sempre parece que tem uma intenção ali.*
P3- *Já ouvi de muitas que eu era o homem da relação, é... tanto da, de pessoas por fora como dentro de relacionamentos também. [...] As vezes que eu falei um pouco sobre isso, que eu, é... questionei um pouco, é... eu recebi algumas respostas como "ah, mas é porque você é assim, então a gente... a gente espera isso de você.".*
P4- *Eu precisava ir ao banheiro com a minha namorada e a gente foi. E lá as mulheres estavam se trocando. A minha namorada ela é feminina, hoje em dia ela é feminina. E elas não ficavam*

desconfortáveis com a presença dela lá, mas elas ficaram olhando pra mim como se eu não tivesse que estar ali dentro.

P5- *Eu acho que é mais uma lesbofobia pura, assim, né? De nos entender enquanto menos mulher, né? Pela questão do cabelo. Porque se chegar uma prima minha, eu sei que os elogios pra ela vão vir, com certeza.*

P6- *E aí uma amiga dela, essa amiga dela que não gostava de mim chegou e disse pra [minha namorada] que tudo, toda a construção teórico-política que eu tava construindo em torno disso, talvez fosse pelo fato de que no fundo eu era um homem trans. Menina, quando ela falou isso, que [minha namorada] veio me contar, e [minha namorada] também me contou de um jeito como se fosse uma piada, uma brincadeira. [...] E outra coisa que só aconteceu porque eu sou uma mulher desfeminilizada. Que também não aconteceria com Ana. Ninguém nunca ia chegar pra [minha namorada] dizendo, ah, no fundo você é homem trans.*

P7- *[...] a minha mãe sempre… tipo ela já até falou assim que, que ai, não é tanto por eu ser lésbica, mas por que que eu, que eu não sou feminina tipo assim, que eu tinha que ser feminina, que não precisa né, que ela falou que a sociedade não precisa saber tipo assim [...]*

P8- *[...] mas quando a gente fica com mulheres femininas, elas acham que a gente é só ativa e tem que tomar iniciativa, só que pra mim isso não rola, nunca rolou, quer dizer, nunca rolou não, já aconteceu muitas vezes que ah, porque eu sou desfem eu tenho que pagar a conta, que eu sou desfem e tenho que buscar em casa, tipo, coisa ridícula sabe?*

P9- *[...] eu lembro que eu ainda tinha o cabelo alisado e tal, mas quando eu pedia pra cortar muito acima da nuca, já me falavam "ah, você não vai ficar menina.".*

P10- *[...] eu queria cortar curto, mas sei lá, era difícil, assim, tinha um apego, e também era uma grandíssima questão, assim, pros meus pais, tipo, ah, você pode ser lésbica, mas por que você não deixa seu cabelo comprido, pelo menos?*

P11- *Às vezes me chamavam no masculino, às vezes achando que tavam me respeitando, às vezes achando que tavam me falando "não, você é homem, sai daqui", achando que tavam me respeitando, achando que eu era trans.*

P12- *E sempre teve muito disso que as mulheres femininas esperavam muito de mim. Queriam que eu tomasse iniciativa, queriam que eu fizesse isso e aquilo.*

P13- *[...] quando eu era feminilizada as pessoas esperavam que eu fosse mais emotiva do que esperam hoje sabe, tipo ai sério que é assim, sério que tu chora por causa disso, sério que não sei o que, sabe, então as pessoas, as pessoas esperam que tu seja um cara né, as pessoas esperam que tu tenha todas aquelas características de um cara, que é não ser emotivo, ser forte, ser não sei o quê, e tipo a última coisa que eu sou é forte [...]*

P14- *E aí ela me obrigou a me feminilizar, inclusive, na minha formatura de terceiro ano, né? Ela me obrigou a usar o vestido todo colado, de pedra, maquiagem, porque ela disse que eu ia parecer um menino se eu não me vestisse assim, então que ela não queria, que eu ia ser obrigada agora a me arrumar do jeito que ela queria.*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Diante das respostas das participantes, foi possível observar que lésbicas desfeminilizadas são constantemente comparadas à homens, tanto no que diz respeito à estética em si mesma quanto à expectativa de terceiros em relação ao comportamento dessas mulheres em razão da estética. Desde muito cedo, mulheres são impostas à feminilidade, e estas imposições introjetam na sociedade uma imagem acerca daquilo que representa uma mulher e daquilo que representa um homem. Assim, de acordo com as normas sociais, para ser uma mulher de verdade, é preciso ser feminilizada.

Já desde a infância, conforme as escolhas por roupas e brinquedos, cria-se expectativas sobre o futuro da criança, sobre seu modo de ser, agir e até mesmo sua orientação sexual (Conselho Federal de Psicologia, 2023). Dessa maneira, quando se entra em contato com uma mulher que demonstra pouco interesse pela beleza na forma como ela é ensinada para as mulheres através de, por exemplo, utilização de maquiagem, depilação e cabelos longos, ou por vestimentas femininas, como saias, vestidos, roupas coladas no corpo e salto alto, há uma confusão no que diz respeito ao que é considerado ser uma mulher e o que de fato é ser mulher, especialmente no que tange à estética.

Jo, Strega e Ruston apontam estereótipos comuns relacionados a mulheres desfeminilizadas:

> Lésbicas desfeminilizadas são abusivas, dominantes e insensíveis, como os homens; elas oprimem as mulheres, assim como os homens fazem; elas não entendem as mulheres de verdade; elas não experienciam a opressão das mulheres; elas são obcecadas com sexo, como homens são. (Jo, Strega e Ruston, 1990, p.131) (tradução nossa).

As autoras ainda apontam estereótipos que são propagados como sendo positivos, porém são igualmente negativos, como afirmar que lésbicas desfeminilizadas são mais fortes fisicamente e não são emocionalmente vulneráveis, e concluem que acreditar em qualquer um deles significa objetificar essas mulheres.

Dentro das relações romântico-sexuais entre lésbicas feminilizadas e desfeminilizadas, também não é incomum - nem algo atual - que tais estereótipos se façam presentes. Nesse sentido, Jeffreys (1993) tece críticas à sexologia por determinar papéis específicos para tipos diferentes de lésbicas. Por exemplo, Carpenter (2016[1908]), autor que defende o modelo da sexologia, divide os homossexuais entre tipos perfeitos e normais, intermediários e extremos e exagerados.

No que se refere às lésbicas, o autor aponta que as do último tipo são agressivas, musculosas, possuem maneirismos e movimentos masculinos "enquanto seu amor (geralmente voltado a um espécime delicado e feminino do mesmo sexo) é frequentemente uma espécie de furor, similar ao amor tipicamente masculino, e por vezes quase incontrolável." (Carpenter, 2016[1908], p.21) (tradução nossa). Quanto ao tipo normal e perfeito, o autor as descreve como tendo um corpo feminino e gracioso, porém de natureza interior majoritariamente masculina.

Especialmente no que tange a diferenciação entre os tipos de lésbicas e a relação feita entre sua aparência e seu comportamento, Jeffreys (1993) argumenta que o modelo sexológico abriu precedentes para a inserção desses papéis dentro das relações lésbicas, sendo a partir daí, portanto, considerado essencial que uma das partes (a lésbica desfeminilizada) desempenhasse o papel masculino e a outra (a lésbica feminilizada) desempenhasse o papel feminino. Em outras palavras, era fundamental que houvesse uma mulher feminilizada para ser a mulher da relação e uma desfeminilizada para ser o homem, transferindo assim os moldes heterossexuais para as relações lésbicas.

Esses moldes heterossexuais indicavam uma dinâmica de dominação e submissão, tanto na esfera sexual quanto na vida cotidiana dos casais, algo que era fortemente defendido e romantizado por muitas lésbicas (Jeffreys, 1993). As participantes, no entanto, demonstraram incômodo ao serem colocadas no papel de masculina, ou seja, daquela que apenas deseja, mas não é desejada de volta, da que não sente ou que não pode ser vulnerável.

Além disso, o fato de serem lésbicas visíveis também foi causa de incômodo por parte de familiares, sendo muitas vezes pontuado que elas pareceriam menino caso cortassem o cabelo curto ou se não usassem adereços tipicamente femininos. Krishna (2017) afirma que uma mulher que corta seu cabelo também corta as amarras da feminilidade e de ser vista como um ser sexual. A autora faz ainda uma provocação, questionando "o quão boa é uma mulher, na visão da sociedade, se ela não é feminina e nem sexual - se ela não é construída para a satisfação do olhar masculino?" (Krishna, 2017, p.151) - (tradução nossa).

A autora ainda levanta um ponto interessante: muitos homens famosos, como atores ou astros do rock, possuem cabelos longos, mas eles não são vistos como femininos nem como menos homens. Muitas vezes, inclusive, são vistos como atraentes. De forma contrária, mulheres famosas que decidem cortar seus cabelos é alvo de diversas críticas

por parte da mídia. Nesse sentido, Jo, Strega e Ruston (1990) assinalam que para se tornar uma Mulher Verdadeira com sucesso, as garotas devem rejeitar outras garotas, tornarem-se femininas, heterossexuais, esposas e mães.

Seguindo a lógica dos autores Jo, Strega e Ruston (1990) e Krishna (2017), a partir das falas das participantes, é possível inferir que o cabelo curto é um fator incômodo para suas famílias pois ele rompe com um marcador importante da feminilidade, rompendo, por conseguinte, com outros marcadores do ser mulher na sociedade, quebrando as expectativas sociais enraizadas.

Muitas vezes, não corresponder às expectativas de feminilidade instituídas é inaceitável. A participante 14, por exemplo, foi obrigada pela mãe a vestir-se de uma forma feminilizada na sua formatura. Os pesquisadores Holland e Harpin (2015) entrevistaram mães e suas filhas, que durante a infância eram *tomboys* - termo em inglês para se referir a meninas que usavam roupas largas e confortáveis, além de demonstrarem pouco interesse por atividades tipicamente praticadas por meninos -. Na pesquisa, as filhas recordaram seu desconforto ao ter de se vestir de uma maneira feminina em eventos familiares por obrigação de suas mães.

Usar vestidos, saias e maquiagem era também uma maneira de manter a paz, já que a família das *tomboys* não aprovava a forma como elas se vestiam. Diversas vezes, suas mães e tias tentaram encorajá-las a serem femininas. Algumas das participantes também mencionaram que tentaram se feminilizar como uma forma de se encaixar, já que as garotas à sua volta eram também feminilizadas.

Embora essas situações tenham ocorrido na infância e pré-adolescência, através da fala da participante 14, nota-se que ela ocorre, também, no final da adolescência, quase vida adulta. Nesse sentido, destaca-se que a dependência financeira pode ser muitas vezes utilizada por parte dos pais como uma forma de controle sobre suas filhas desfeminilizadas, já que nesse caso, elas não podem comprar as roupas que gostam e querem usar. Por outro lado, assim como colocado por Holland e Harpin (2015), vestir-se de maneira feminilizada foi uma maneira de manter a paz dentro da família, portanto mesmo com independência financeira, é possível que lésbicas desfeminilizadas continuem se vestindo de uma maneira que as deixa desconfortáveis em determinadas situações para evitar brigas e discussões.

Os relatos das participantes evidenciaram uma problemática comum no que se refere à perpetuação da lesbofobia. Foi possível observar que a comparação a homens não

ocorre apenas por parte de desconhecidos ou de pessoas heterossexuais da família, ela ocorre também por parte das próprias lésbicas que são feminilizadas. Os estereótipos perpetrados revelam a heteronormatividade presente na sociedade, na qual uma lésbica desfeminilizada é constantemente destituída de sua mulheridade.

Tratamento social para as lésbicas enquanto mulheres não femininas em comparação quando performaram feminilidade

A seguir serão apresentados os dados referentes à diferença de tratamento social dado a lésbicas enquanto mulheres não femininas em comparação às mesmas quando performaram feminilidade. No Quadro 4 são apresentados os fragmentos das respostas das participantes.

QUADRO 4– Fragmentos de respostas das participantes (III)

P1 – *Mas claro, as pessoas e principalmente por causa dessa associação né? Do como eu me vestia, provavelmente, ou dos esportes que eu tinha interesse e tudo mais, com o fato de eu gostar de mulheres. Então se eu gostava de mulheres, eu não era boa pessoa. [...] E até hoje tem essa questão dos olhares e tudo mais [...]*
P2- *[...] desde que eu cortei o cabelo no ombro, é uma diferença que eu já notei, embora muito pequena, mas quando tipo, eu cortei o cabelo igual ele está hoje e comecei a usar roupas masculinas, é algo [receber elogios] que praticamente não acontece.*
P3- *[...] o meu pai ele… não olha na minha cara. É… ele é muito grosso, principalmente… Quando ele bebe, aí ele me coloca pra baixo meio… Ele fala como o meu cabelo é feio, que a minha roupa é feia. Ele diz que meu cabelo é pixaim. Ele fala que meu cabelo é bombril, que era mais bonito quando tava liso, que eu deveria usar maquiagem e que ele sente a falta de quando eu era uma moça bonita.*
P4- *Eu nunca senti, sofri constrangimento direto nesse tipo de ambiente. Mas é algo que surgiu naturalmente, conforme eu fui me desfeminilizando. Os olhares, as pessoas, os ambientes começaram a mudar em relação a mim. Ficou bem nítido.*
P5- *Essa questão das lojas era algo que eu entrava com muita tranquilidade, nunca foi uma questão, assim, qualquer loja eu entrava. Tem espaços, eu não sei como é isso, né. Algumas coisas são escolhas nossas e outras coisas a gente é obrigada a escolher (risos).*
P6- *Acho que o que teve de mais incômodo nem foi a questão de eu ser lésbica, era a questão de eu não ser feminilizada. [...] Porque era sempre uma implicância. Implicava com os pêlos do meu sovaco. Implicou quando eu cortei o cabelo. Implicava por eu ser desleixada, desarrumada.*

P7- *[...] a minha mãe ela tipo já falou uns absurdos assim pra mim, de que eu era nojenta, de que eu era um monstro, de que sei lá, todas as coisas pejorativas assim que dá pra imaginar ela já, já falou assim, e eu acho que é mais remetido à aparência do que tanto ao fato de eu ser lésbica.*

P8- *E daí a minha mãe muitas vezes ela falava que… tipo piadinhas, por exemplo, só falta botar um tico no meio das pernas, tipo, bem o jeito que ela falava. O meu pai também começou a me tratar de uma maneira mais como um brother do que uma própria filha, como uma filha mulher [...]*

P9- *Então, eu sinto muito, tipo, essa hostilidade de, tipo… é… sempre quererem que eu esteja mais… feminilizada do que eu estou.*

P10- *Eles me verem como uma pessoa um pouco mais infantilizada, talvez, ou que tá nessa fase de adolescência. Mas que é uma fase. Que em algum momento talvez eles achem que passa.*

P11- *Porque antes de me assumir eu era menor de idade, eu não saía muito pra… tipo agora que eu saio pra beber. Agora a diferença é nítida. Até aquelas conversas de sei lá, sai do banheiro e vai comentar alguma coisa, agora nenhuma mulher fala comigo mais, essas conversinhas, acho que só.*

P12- *Mas meu pai sempre tratou na brincadeira, assim, sabe? Era sempre, ah, "por que tu tá usando essa roupa?", ai, por que tu não coloca outra roupa, não sei o que. [...] Já teve muito problema, assim, pro meu pai, no caso, de usar roupas largas, usar roupas "masculinas" e tal.*

P13- *Sempre tem aquilo de que o cara nunca sabe como vai te cumprimentar né, os homens nunca sabem como te cumprimentar, se tu tá com várias mulheres femininas eles vão dar beijo no rosto delas e vão te cumprimentar que nem um brother né, prefiro assim (risos), mas tipo assim, não, é, tu vê que é por causa da tua aparência, era só eu ter aquele cabelo que eu tinha uns anos atrás que isso não aconteceria né, tanto que eu sei, porque era assim que me tratavam né [...]*

P14- *Hoje em dia minha mãe, inclusive na última discussão que a gente teve sobre eu ser uma mulher desfeminilizada, ela disse que eu tirei o direito dela como mãe de me achar bonita. Que ela não podia me achar bonita porque eu tirei esse direito dela. [...] Então ela me comparou à minha ex, ela disse assim, ai, por que que ela se relaciona com mulher também, e ela se veste como mulher, por que você não… Então, tipo, isso tem muito, sabe, muito… muito gritante a diferença de tratamento em relação ao ser bonita e ao ser feia agora, sabe?*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme o relato das participantes foi possível observar que elas passaram a ser tratadas de uma maneira diferente depois de terem se desfeminilizado, tanto por parte da família quanto aos ambientes que frequentam. Para algumas, no contexto familiar, a sexualidade não era tanto um problema quanto sua aparência não-feminina. Nota-se que ser bonita e estar arrumada significa ser feminina.

A aparência, para as mulheres, ocupa um lugar de conquista subjetiva (Vilhena e Novaes, 2003). Se a mulher está dentro do padrão estético ela é considerada bonita e, assim, valorizada e validada socialmente. Para as entrevistadas, essa validação é quase inexistente, visto que passam por diversas situações desconfortáveis e sofrem hostilidade

por parte de pessoas próximas apenas por terem uma aparência que não corresponde às normas sociais. Para as autoras, ainda, os padrões de beleza "são, simultaneamente, produzidos e reforçados por expectativas socialmente instituídas.".

Nessa perspectiva, Kishimoto e Ono (2008) colocam que na infância, em situações lúdicas, as meninas acabam manifestando maior interesse pela beleza, pela vestimenta e pelos cuidados domésticos. Valendo-se da perspectiva das autoras mencionadas no parágrafo anterior, é importante ressaltar que esses interesses são produzidos e reforçados como parte da socialização feminina, ou seja, não são interesses naturais, e sim ensinados. Como reflexo disto, existe uma expectativa social de que essas meninas, futuramente, continuem a se interessar por essas mesmas coisas, e quando isso não acontece, é visto como algo estranho, anormal e passível de críticas, ainda mais considerando que o processo de socialização visa ensinar as mulheres a serem heterossexuais e femininas.

Rich (2010) aponta que a heterossexualidade não é inata, e sim compulsória. Ela é "algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força [...]" (p. 35). Para a autora, um dos grandes motores da heterossexualidade compulsória é o apagamento lésbico na arte, na literatura, no cinema e na idealização do amor romântico e do casamento, de forma que a lesbianidade não é nem mesmo apresentada como uma possibilidade. A heterossexualidade é, então, constantemente propagada como destino único para as mulheres.

Jo, Strega e Ruston (1990), de maneira similar, questionam o discurso da heterossexualidade como natural e afirmam que existe uma forte propaganda da heterossexualidade através de filmes, revistas e livros, e apontam, ainda, o fato de adultos questionarem meninas ainda na infância sobre terem um namorado. Isso serve, também, para reforçar a heterossexualidade por meio da socialização através do discurso, levando em consideração que raramente se pergunta para meninas - ou mesmo para mulheres adultas - sobre elas terem uma namorada.

As autoras reconhecem que houve um avanço da representatividade lésbica ao longo dos anos, porém pontuam que existem poucas lésbicas desfeminilizadas na mídia, e que quando elas existem, são mal representadas, perpetuando estereótipos. Dessa maneira, infere-se que assim como a heterossexualidade, a feminilidade também é propagada como forma única de existir enquanto uma mulher. A mulher que é feminina é a mulher de verdade.

Conforme apresentado no Quadro 4, as participantes 8, 12 e 13 observaram que assim que mudaram a forma de se vestir ou que cortaram o cabelo, passaram a ser colocadas numa posição masculina, de um *brother*, um amigo homem, mesmo que quem as trata dessa maneira saiba que elas não são homens. De forma semelhante, Dozier (2018), em sua pesquisa com mulheres desfeminilizadas no âmbito de trabalho, identificou que as participantes eram frequentemente tratadas como um "parceiro" pelos colegas homens. Além disso, algumas participantes também constataram que havia certa resistência, tanto por parte de colegas quanto de clientes, em reconhecê-las enquanto mulheres, mesmo que seus nomes fossem claramente inconfundíveis com o de um homem e que elas deixassem claro que eram mulheres.

O autor atribui isso a uma dificuldade de interpretação do gênero dessas mulheres, considerando que a concepção de mulher é equivalente a ser feminina. Entretanto, cabe ressaltar que o fato das participantes terem sido referidas como homens mesmo após expressarem que são mulheres não é uma mera dificuldade, e sim preconceito. Em relação às participantes da presente pesquisa, esse tratamento foi dado por parte da família e por amigos que já as conheciam bem, ou seja, não precisavam explicitar que eram mulheres, pois isso já era sabido. Dessa forma, nota-se que simplesmente se apresentar de uma maneira não-feminina já foi suficiente para serem tratadas como um *brother*.

A questão referente à imaturidade também apareceu como um fator através da fala da participante 10. Jo, Strega e Ruston (1990) afirmam que mulheres lésbicas, não importa sua idade, são tratadas como crianças que nunca cresceram, já que a definição heterossexual da verdadeira vida adulta significa, em suma, ser heterossexual e, conforme já mencionado anteriormente, cumprir com os papéis de esposa e mãe.

Ainda, o racismo foi abordado pela P3. Um dos motivos pelos quais ela é criticada pelo pai é o cabelo, que não é apenas curto, como também é cacheado, rompendo ainda mais com o padrão de beleza em que apenas o cabelo liso é bonito. Thompson (2009) aborda também a temática da mulher verdadeira, porém sob a ótica do racismo. A autora argumenta que a mulher verdadeira é a que tem o cabelo liso e longo, enquanto o cabelo curto e cacheado das mulheres negras é visto como um cabelo que apenas as crianças ou as mulheres geralmente consideradas menos atraentes possuem. Sendo assim, é necessário levar em consideração o preconceito que as mulheres negras ou pardas sofrem por ter um cabelo que não é liso.

A partir do que foi discutido, pode-se observar que após deixarem de se feminilizar, as entrevistadas passaram a ser tratadas de uma maneira diferente, manifestada tanto de uma forma direta através de críticas direcionadas a elas quanto de uma forma mais sutil através do comportamento e olhares de outras pessoas em relação a elas. Destaca-se que essa forma sutil não é menos violenta, mas sim uma maneira velada de manifestar a lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas, algo que foi percebido com clareza pelas participantes.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou discutir os fatores que envolvem os possíveis efeitos da lesbofobia contra mulheres lésbicas desfeminilizadas no âmbito psicossocial. As hipóteses iniciais da pesquisa não foram confirmadas. Embora o sentimento de solidão tenha sido mencionado, ele não foi significativo o suficiente considerando o número total da amostra. Em vez disso, o medo, o receio e a sensação de não pertencimento foram mencionados pela maior parte das participantes.

Os fatores contribuintes para a perpetuação da lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas também foram abordados. O estudo mostrou que existe uma comparação constante de lésbicas desfeminilizadas com homens, até mesmo por parte das próprias lésbicas feminilizadas que reproduzem a dinâmica heteronormativa dentro de seus relacionamentos. Familiares heterossexuais também perpetuaram estereótipos comuns atribuídos a lésbicas desfeminilizadas.

Em relação à diferença de tratamento social dada a lésbicas desfeminilizadas enquanto mulheres não-femininas em comparação a elas mesmas quando femininas também foi discutida, observou-se que após passarem a rejeitar a feminilidade, pessoas de sua convivência colocaram-nas na posição de homem, marcando uma diferença de tratamento a partir da aparência das participantes. Além disso, nos ambientes públicos, os olhares recebidos por essas participantes geraram constrangimento e desconforto.

Algumas dificuldades foram encontradas ao decorrer da pesquisa. O contato por e-mail para marcar a entrevista após o preenchimento do formulário mostrou-se difícil, visto que a maioria das interessadas não retornou o contato. Algumas interessadas retornaram uma vez, entretanto quando respondidas pela pesquisadora para confirmação de horário, não retornaram mais, o que demonstra que o e-mail pode não ser um meio tão

eficaz de comunicação. Além disso, durante algumas entrevistas, ocorreram interferências técnicas, tais como a falha da rede wi-fi, o que, durante a transcrição, ocasionou em perdas de pequenos trechos da fala, tendo em vista que o áudio tornou-se incompreensível. A conexão também foi perdida temporariamente durante algumas vezes, o que atrasou o andamento da entrevista.

Os objetivos do estudo foram cumpridos, entretanto a pesquisa deixou algumas questões em aberto. Para pesquisas futuras, sugere-se a investigação do papel do racismo na lesbofobia contra lésbicas desfeminilizadas. Ainda, sugere-se um aprofundamento do estudo no que diz respeito aos sentimentos de lésbicas desfeminilizadas em relação às situações de lesbofobia, haja vista que esta pesquisa buscou ser mais objetiva ao discutir os fatos, e não a subjetividade dos sentimentos das participantes.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRANDÃO, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o género nas representações do homo-erotismo feminino. *Análise Social*, [s. l.], v. 45, p. 307-327, 2010. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1276642499Q6tSO9hd8Pw86GB9.pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

BREMMER, Jan. Pederastia grega e homossexualismo moderno. In: BREMMER, Jan (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus, 1995. cap. 1, p. 11-26.

CARPENTER, Edward. *The intermediate sex: a study of some transitional types of men and women*. Londres: George Allen & Unwin, 2016 [1908]. Disponível em: https://www.gutenberg.org/cache/epub/53763/pg53763-images.html. Acesso em: 18 out. 2023.

CICCONETTI, Josefina Raquel; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Banheiros públicos como espaços de regulação cotidiana dos gêneros: entrevistas com mulheres lésbicas. *Cadernos CERU*, [s. l.], v. 30, n. 2, 2019. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i2p102-123. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/169033. Acesso em: 10 maio 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+*. Brasília, 2023. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/RT_LGBT_crepop_Web.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

DOZIER, Raine. "You look like a dude, dude": masculine females undoing gender in the workplace. *Journal of Homosexuality*, [s. l.], v. 66, n. 9, 2018. DOI: https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1500778. Disponível em: https://cedar.wwu.edu/woodring_dei/13/. Acesso em: 19 maio 2023.

FEINSTEIN, Brian A.; GOLDFRIED, Marvin R.; DAVILA, Joanne. The relationship between experiences of discrimination and mental health among lesbians and gay men. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, [s. l.], p. 917-927, 2012. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/2012-18970-001. Acesso em: 7 nov. 2023.

FILHO, Amilcar Torrão. *Tríbades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. Disponível em: https://sgcd.fc.unesp.br/Home/helber-freitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-anto.pdf. Acesso em: 21 maio 2023.

HOLLAND, Samantha; HARPIN, Julie. Who is the 'girly' girl? Tomboys, hyper-femininity and gender. *Journal of Gender Studies*, [s. l.], v. 24, p. 293-309, 2015. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09589236.2013.841570. Acesso em: 11 maio 2023.

JEFFREYS, Sheila. *The lesbian heresy: a feminist perspective on the lesbian sexual revolution*. Australia: Spinifex, 1993. Disponível em: https://www.feministes-radicales.org/wp-content/uploads/2010/11/Sheila-Jeffreys-Lesbian-Heresy.pdf. Acesso em: 6 abr. 2023.

JO, Bev; STREGA, Linda; RUSTON. *Dykes-loving-dykes: dyke separatist politics for lesbians only*. [S. l.]: Battleaxe, 1990. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/657295922/Dykes-Loving-Dykes. Acesso em: 16 out. 2023.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3, p. 209-223, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/XN7yv7jS8vTq99xLhRC7vtJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 4 jul. 2023.

KRISHNA, Divya. Woman and hair: unveiling the semiotics of the feminine hair. *Conspectus: A Journal of English Studies*, [s. l.], v. 11, p. 136-155, 2017. Disponível em: https://stthomas.ac.in/wp-content/uploads/2022/02/CONSPECTUS-2017.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/287028/mod_resource/content/1/Laville%2C%20Christian%20%20Dionne%2C%20Jean_A%20Construcao%20do%20Saber%20%28completo%29.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Humanidades e Inovação*, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 372-380, 2019. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106. Acesso em: 30 maio 2023.

NOVAES, Joana V.; VILHENA, Junia de. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100002. Acesso em: 14 maio 2023.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. Imagens de beleza: questões de gênero. *Caderno Espaço Feminino*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 293-316, 2007. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/443/412. Acesso em: 7 nov. 2023.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felippe; DIAS, Maria Clara. *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Limitados, 2018. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf. Acesso em: 27 maio 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [s. l.], v. 4, n. 5, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 4 jul. 2023.

THOMPSON, Cheryl. Black women, beauty, and hair as a matter of being. *Women's Studies*, [s. l.], p. 831-856, 2009. DOI: https://doi.org/10.1080/00497870903238463. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00497870903238463. Acesso em: 10 nov. 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977. Acesso em: 1 jun. 2023.

WOODWARD, Kath. *Psychosocial studies: an introduction*. [S. l.]: Routledge, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=asqgBgAAQBAJ. Acesso em: 17 nov. 2023.

Recebido em março de 2026.

Aprovado em julho de 2026.

Revista Diversidade e Educação